

“QUEM É DA RUA NÃO É DA CALÇADA”: CENAS DA PIXAÇÃO EM PORTO ALEGRE¹

“WHO IS FROM THE STREET IS NOT FROM THE SIDEWALK”: SCENES OF GRAFFITI IN PORTO ALEGRE

Rodrigo de Oliveira Machado; Adolfo Pizzinato

Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;
rodrigo.psicopuc@gmail.com

Historia editorial

Recibido: 13-05-2014

Primera revisión: 19-10-2014

Aceptado: 30-09-2015

Palavras-chave

Etnografia

Pichação

Psicologia social

Resumo

O presente artigo assume uma perspectiva etnográfica para a compreensão das redes de relações estabelecidas entre os pichadores da cidade de Porto Alegre. Os resultados apresentados resgatam o acompanhamento do tema durante cinco anos, onde através de entrevistas, observações e do próprio caminhar pela cidade foi se configurando um quadro de compreensão maior acerca do fenômeno em questão. Partindo de uma concepção do ato de pichar como ato comunicacional se vislumbra a relação desses atores sociais com a cidade, transeuntes, as que estabelecem entre si e com os grafiteiros. O “lusco-fusco identitário” que permeia tais vivências na contemporaneidade indica para os atravessamentos do pertencer/não pertencer à sociedade em que vivem, a busca por reconhecimento endogrupo e exogrupo e as tensões geradas pela disputa dos espaços na cidade.

Abstract

The present article takes an ethnographic approach to understand the networks of relations established between taggers in the city of Porto Alegre. The results presented redeem the subject tracking for five years, where through interviews, observations and walk through the city itself was shaped up a framework for a better understanding the phenomenon in question. Starting from a conception of the communicational act as graffiti glimpsed the relationship between these social actors in the city, passersby, to establish among themselves and with graffiti. The “twilight” identity that permeates these experiences indicate nowadays for crossings of belonging / not belonging to their society, the search for ingroup and outgroup recognition and generated tensions over the disputed areas in the city.

Keywords

Ethnography

Graffiti

Social Psychology

de Oliveira-Machado, Rodrigo & Pizzinato, Adolfo (2015). “Quem é da rua não é da calçada”: cenas da pichação em Porto Alegre. *Athenea Digital*, 15(3), 3-23. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1391>

Introdução

O sinal verde no semáforo indica que o fluxo dos pedestres pode seguir o seu caminho. Apressados, eles não se olham quando passam um pelo o outro. Até mesmo quando encostam por acidente as suas mãos nas de outras pessoas, e instintivamente as recolhem contra o corpo, negam o toque do olhar. Ali, naquela pequena faixa de segurança, onde coexistem tanta rua e tão pouca faixa, eles lutam pelo espaço na cidade.

À sombra do ponto de ônibus, olhos se esgueiram contra o sol para ver a próxima condução que se aproxima. A expectativa de conseguir um local para sentar, e assim descansar até o retorno ao lar, em breve se tornará uma frustração para muitos que

¹ Agradecemos a bolsa de mestrado fornecida pelo CNPQ que possibilitou este trabalho.

aguardam. O vai e vem dos ônibus leva o pensamento para os trajetos possíveis entre o centro e as periferias da cidade, aqueles traçados diferentes, por vezes tortuosos, que desembocam em Porto(s) Alegre(s) que pouco se conhece.

Estou presente nesse espaço e compartilho destas sensações do cotidiano. Enquanto aguardo o ônibus que me levará até a universidade em que estudo, minha mente circula pelos bairros da cidade representados em cada ônibus que passa. Alguns desses lugares não são meus conhecidos, às vezes mal passei por lá ou apenas sei da sua existência por ter amigos que moram por perto. Outros desses ônibus, principalmente pensando nos finais de seus trajetos, em bairros da periferia, são pouco atrativos devido às notícias que diariamente se tem deles. Finalmente chega o ônibus que uso. Entro, vejo as pessoas, algumas já conheço, pois descem na mesma parada que eu e me acompanharão até o meu destino, enquanto que outros sei que prosseguirão os seus caminhos até outras paradas, talvez para algum daqueles bairros noticiados como pouco atrativos. Escolho um lugar junto à janela e fico olhando a paisagem que se apresenta aos meus olhos. No lado oposto da rua está uma enorme vitrine que flerta com o desejo dos que passam à sua frente, algumas pessoas entram no jogo de sedução e entram a loja, enquanto que outras seguem pela calçada e a utilizam somente como um espelho que se oferece. As lojas passam, o comércio muda, o trânsito congestionado, um casal dá um beijo de despedida e o tráfego recomeça a fluir.

O ônibus segue, entramos na Avenida Bento Gonçalves, uma das principais vias de fluxo da cidade, e não demora que se perceba o contraste entre os prédios antigos e novos. Enquanto que os antigos apresentam certa homogeneidade quanto ao desenho arquitetônico, aqueles construídos recentemente despertam a atenção pelas dezenas de janelas que contêm, as quais demonstram a quantidade de pessoas que ali moram. O poder de confinamento e a verticalização do viver fornecem novos contornos à cidade. Nas paredes de muitos desses prédios e nos muros que os cercam se apresentam as *pixações*², já estou acostumado com elas, mas não o suficiente para que fique despercebido o quanto estas modificam a paisagem urbana ao longo dos dias³.

Pensando a cidade

A pesquisa que apresentamos aqui versa sobre um dos muitos encontros que a cidade proporciona. A *pixação* que se estende por Porto Alegre, e o seu encontro com os nossos olhares levaram à busca por aprofundar o conhecimento sobre a sua relação com a

² A opção de utilizar a palavra *pixação* com x, ao invés de ch como é o utilizado na língua formal, se deve ao fato de essa ser a maneira que os *pixadores* utilizam para designar o ato que realizam.

³ Este trecho narrado em primeira pessoa é parte do diário de campo de um dos autores e registra o início deste projeto.

cidade, sobre os seus autores e sobre aqueles que assim como nós, querendo ou não, se comunicam com esta forma de apropriação urbana.

A relação presente neste diálogo urbano é compreendida aqui dentro de uma perspectiva bakhtiniana, onde cada enunciado, escrito ou oral, sempre será produto da relação com um enunciado anterior, configurando-se assim dentro de um processo contínuo de diálogo, onde não existe a possibilidade da criação de um enunciado isolado, ou um ato “não social” de comunicação. Neste sentido nos alinhamos à concepção proposta por Mikhail Bakhtin e entendemos que cada palavra/texto/enunciado colocado no meio urbano pelo autor, neste caso os *pixadores*, evocará uma resposta do interlocutor (transeuntes), assim ativando uma contrapalavra e construindo nesta relação uma cadeia comunicacional dialógica específica (Bakhtin, 1929/2010).

O autor, ainda que não tivesse a *pixação* em mente ao exemplificar o que se entende como comunicação verbal, expõe argumentos que nos remetem diretamente a pensar a *pixação* como parte desse elo da cadeia dos atos de comunicação verbal possíveis. Dessa maneira, ao considerarmos o *pixo* como um dos itens do “diálogo urbano”, se tem como referência esta proposição dialógica inerente ao processo comunicacional:

Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (Bakhtin, 1929/ 2010, p. 101).

Assim, os resultados que serão expostos são referentes ao acompanhamento deste fenômeno, a *pixação*, na perspectiva exposta acima, com ênfase e metodologia diversa ao longo do tempo, nos últimos cinco anos. A tentativa de conceber esta pesquisa com um olhar teórico plural estruturou-se em bases epistemológicas que convergem para uma leitura relacional da *pixação*. A utilização da visão dialógica de Bakhtin serve para definir as bases comunicacionais do ato de *pixar*, enquanto que a teoria ator-rede aproxima a leitura das estruturas da cidade como item relacional, e comunicativo, importante neste conjunto que conforma o diálogo urbano. O recorte dado para este artigo consta de materiais colhidos durante todo esse período, assim como discute o trajeto metodológico, baseado na etnografia, que foi sendo desenvolvido para a aproximação com os participantes da pesquisa e da cidade.

A cidade

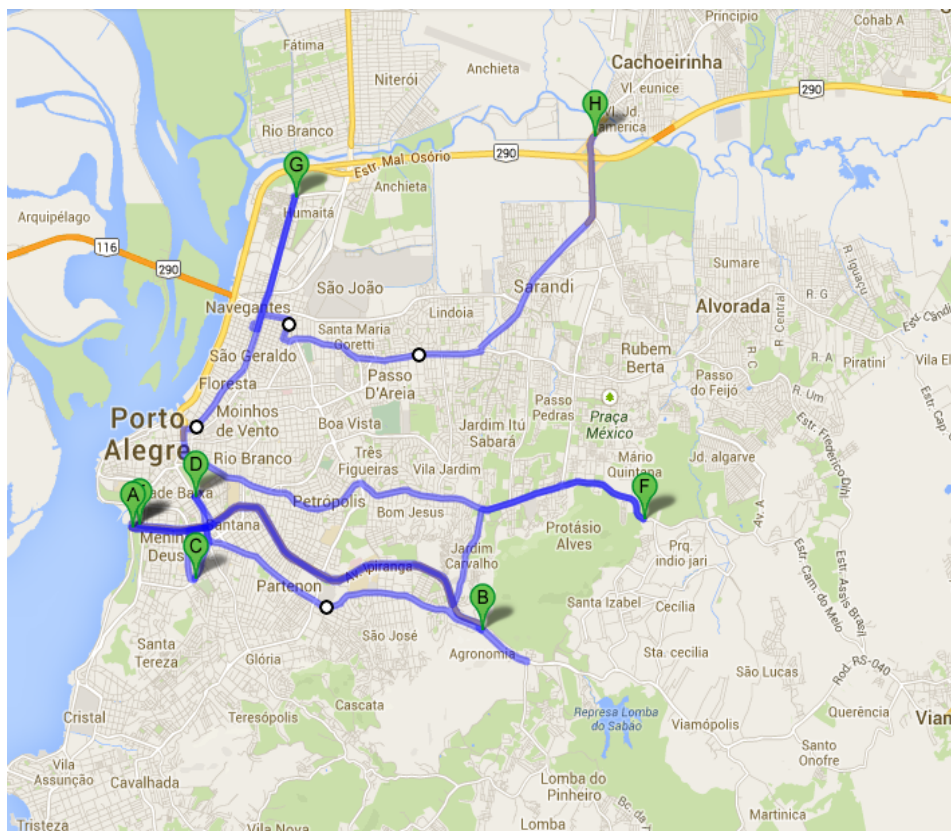


Figura 1. Mapa de Porto Alegre. Mapa com trajeto realizado pelo pesquisador. Fonte: Google maps.

A Figura 1 ilustra alguns dos trajetos pelos quais a *pixação* se inscreve em Porto Alegre. Embora a *pixação* não seja realizada somente nestas principais vias de circulação (tendo uma quantidade expressiva espalhada por alguns bairros como Centro e Cidade Baixa), se verifica que é nestas que ela está mais concentrada. A escolha desses locais como espaços de apropriação gera a necessidade de buscar compreender as dinâmicas que estão presentes na relação com estes prédios, avenidas e ruas que atravessam e compõem o organismo da cidade.

Conforme José Guilherme Cantor Magnani (2009), a cidade ultrapassa o conceito de “espaço” onde ocorre a ação social para ser ela própria compreendida como um dos resultados dessas ações. Nessa perspectiva, a paisagem urbana não é vista apenas como cenário onde “acontece” algum fenômeno que se pretende estudar, mas sim como constitutiva do *corpus* de análise (Magnani, 2002). A relação entre as pessoas, entidades privadas e públicas, prédios, vias urbanas, mobiliário urbano, sistemas de transporte e outros compõe a cidade em seu emaranhado de significados, os quais surgem das negociações, trocas e tensões dos seus autores. Procurando compreender essas relações a antropologia, em específico a subárea designada como antropologia ur-

ba, se constrói com um olhar de “perto e de dentro”, ou seja, ela busca compreender os significados do fenômeno, pessoas, grupos e práticas estudadas a partir das trocas realizadas na aproximação com estes. Magnani assinala ainda que esse exercício etnográfico deve ser conduzido com atenção, sobretudo quando se investiga grupos que são estigmatizados ou tidos como minorias, isto com vistas para que o trabalho realizado não se torne somente um ato panfletário e sem acrescentar novo conhecimento à temática abordada (Magnani, 2003). Seguindo esses preceitos, o trabalho foi construído na tentativa de entender os processos comunicacionais que envolvem a *pixação* também pela visão daqueles que a produzem, ou seja, mantendo uma relação de “perto e de dentro”, porém sem distanciar dos necessários movimentos de familiarização e estranhamento que nos possibilitam questionar os fenômenos que se apresentam, assim como as crenças que se encontram arraigadas em nós mesmos (Da Matta, 1978).

Partindo dessa noção de estranhamento, o primeiro passo que se organiza é o de encarar a cidade, a *pixação*, e os demais elementos que a constituem para além do olhar rotineiro e enviesado que dedicamos a ela. Para aprofundar essa mirada é necessário que se contextualize não somente o local específico em que se desenvolvem os fenômenos que se busca estudar, como também a relação que se estabelece entre esse território e os demais que podem se encontrar próximos ou longínquos do mesmo. Nesse sentido, as mudanças provocadas na relação com o tempo, sobretudo marcadas pelas novas tecnologias, as tornam cada vez mais distintas de outros períodos históricos; entre aquilo que se considera o enlace entre as pessoas e a construção concreta e simbólica da cidade. Alguns autores que se debruçam sobre essa temática demonstram como a globalização está alterando a mobilidade urbana, seja isto através dos movimentos migratórios, da mobilidade profissional, do turismo ou na comunicação instantânea interpessoal e de notícias. Nas palavras de Marc Augé (2009/2010, p. 16) esse fluxo pode ser visto como um “viver no mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, nos deslocamos”. Esse trânsito de corpos e informações habilita que novos modelos e discursos estejam ao alcance da população, algo que dificilmente aconteceria em outros momentos históricos, ao mesmo tempo em que também facilita a apresentação daquilo que é realizado no contexto local.

Essa característica da contemporaneidade articula novas relações com o espaço em que se vive. A produção da noção de “não lugares”, por exemplo, nasce dessa nova dinâmica do social, na contraposição daquilo que é designado como lugar antropológico conforme proposto por Marcel Mauss (1966, citado por Augé, 1992/1994). Segundo Augé (1992/1994), a corrente maussiana entende o lugar antropológico para além do local onde se dá o encontro entre o pesquisador e o pesquisado, mas sim como local identitário, relacional e histórico do nativo. No sentido contrário o não lugar se confi-

gura como estes locais com os quais os sujeitos não conseguem estabelecer posições identitárias, ou de relação com as demais pessoas, e nas quais a vida passa sem deixar “maiores marcas”. Esses não lugares estariam se proliferando na contemporaneidade e têm como seus principais expoentes os locais de transição, tais como: aeroportos, grandes vias, supermercados, *shoppings*, terminais rodoviários, salas de espera, etc.

Quando se toma o conceito de não lugar como espaço onde se amplia o vazio identitário e, tendo em vista a sua proliferação nas grandes cidades (principalmente nas vias de circulação de carros e pouco trânsito de pedestres), se conjectura como as *pixações* se inscrevem em tais espaços. Voltando os olhos aos trajetos explicitados no mapa, se visualizará que é nessas ruas e avenidas, onde ao mesmo tempo muitas pessoas circulam, mas pouco se relacionam com aquele espaço, que se encontra grande parte das *pixações* em Porto Alegre. Ainda que esse argumento não seja tomado no intuito de evidenciar uma relação causal entre os possíveis não lugares e sua predisposição a serem alvos naturalizados do ato de *pixar*, torna-se plausível que estejam relacionados.

Michel de Certeau (1990/1994), ao se aproximar da discussão de lugar e não lugar através da sua concepção de espaço e lugar postula que a cidade, ao ser instaurada como conceito pelos discursos utópico e urbanístico modernos, se define por três operações: a organização racional do espaço (que tem por objetivo impedir todas as poluições que a comprometam, sejam elas físicas, mentais ou políticas); o estabelecimento de um sistema sincrônico (onde deve prevalecer um não tempo com vistas a romper com as possíveis tradições de administração do mesmo no cotidiano aprendido na história dos indivíduos); e por fim se preconiza a criação de um sujeito universal e anônimo transmutado na própria cidade. Essas três dimensões determinam que neste lugar organizado, movido por especulações e classificações, ocorre a gestão daquilo que a beneficia, ao mesmo tempo em que lhe constitui como tal, além da eliminação dos “destritos”, as anormalidades, que não corroboram com o seu empreendimento ao lucro. Segundo o autor, essa *ode* ao lucro, e a constante tentativa de manutenção homeostática da cidade, é rompida através de estratégias e táticas que se consagram nas interações relacionais no cotidiano dos dominados, revelando que aqueles desejos não cooperados pelo sistema dominante instituem práticas de “desvio” ao caminho imposto (de Certeau, 1990/1994).

Compreendendo que a busca por essa universalidade anônima se faz presente no contingente espacial da cidade, em sua arquitetura uniforme, nas cores moderadas que tingem as paredes dos prédios com vistas a não afetar aqueles que por eles cruzam, pode-se dizer que o *pixo* estaria entre um desses formatos de desvio, conforme aponta de Certeau (1990/1994). Assim, a *pixação* seria uma maneira de transgressão da preten-

sa “homeostase” que se tenta implantar. O *spray* preto, que assinala a presença de um *outro* não convidado àquele espaço, rompe com a fugaz sensação de proteção daqueles que vivem a metros das avenidas, trancados em seus apartamentos.

Embora todas essas construções teóricas da antropologia considerem a cidade, o lugar/espaço, e as pessoas como fatores essenciais na sua análise, verifica-se uma dicotomia no entendimento das relações entre os sujeitos (pessoas) e os objetos (a cidade). Ignacio Fariás (2011) argumenta que a teoria ator-rede (TAR) forneceria subsídios para pensar sobre esta dicotomia e se afastar de análises que isolam os objetos, neste caso a cidade, como fenômeno independente e anterior às relações estabelecidas entre inúmeros atores, incluídos em práticas sociomateriais. A TAR ainda possibilitaria conceber a cidade como objeto múltiplo do ponto de vista ontológico, isto é, não mais como um objeto analisado por uma multiplicidade epistemológica, e dessa forma dividido, mas sim como um todo com múltiplas partes.

A partir do momento em que se utiliza da TAR para refletir sobre a cidade, percebendo-a como um ser polifacético – composto por forças econômicas, arquitetônicas, políticas, sociais, comerciais, etc. –, surgem ainda outros desdobramentos conceituais, onde, além de romper com o conceito binário de sujeito/objeto, consagrado pelo Modernismo, se questiona a relação entre sociedade e natureza (Grau; Íñiguez & Subirats, 2011).

Conforme Bruno Latour (1999/2001) a organização do mundo moderno está baseada em dois reinos: o primeiro refere-se à sociedade, composta por humanos, sujeitos, e governada pela política; enquanto que o segundo reino é representado pela natureza, que se refere à povoação por não humanos, pelos objetos e gerido pela ciência. Quando essa dualidade persiste, o debate se instala, e torna-se verificável, na maioria das vezes, que, embora a política seja fruto de uma discussão da sociedade, esta é suplantada pelo conhecimento técnico e as leis que estão ao lado da ciência. Assim, o princípio de simetria assume papel importante na TAR de Latour ao intuir que as explicações não devem partir do eixo da natureza para a sociedade, ou do seu contrário, da sociedade para natureza, e sim da interação horizontalizada desses níveis, mesmo que com distintas forças em distintos momentos. Em outras palavras, a simetria estabelece a equidade entre os humanos e os não humanos como atores partícipes numa rede que leva à construção do fato em si.

Esta relação entre humano e não humano na maioria dos casos passa despercebida e até mesmo aqueles que se dedicam a investigar a sociedade terminam por afastá-las de suas análises. A tecnologia em toda a sua amplitude de aparatos, desde os mais simples aos mais complexos, serve como delegado de regras morais humanas e assina-

la quais os passos que devemos seguir enquanto pessoas que vivem numa determinada sociedade (Latour, 1992). Estas tecnologias que inibem algumas condutas e induzem a outras, sempre estão marcadas por preceitos morais e éticos. O muro se encontra essas tecnologias que ao traçar uma linha de tijolos estabelece um fora e um dentro, e assim está postulando nas suas bases o princípio de propriedade privada e o de não invasão desta. Dentro de uma linha argumentativa mais sofisticada Reviel Netz (2004/2013) ao acompanhar a trajetória do arame farpado desde a sua criação até o uso em campos de concentração nazistas demonstra que os mesmos princípios de controle e dor desta tecnologia foram usados para vigiar e impedir o movimento de gados e pessoas.

Essas agências de não humanos se revelam também em outras formas de tecnologia, em grande parte outorgadas pelo Estado. Assim, ao se refletir sobre a situação de Porto Alegre, no que tange aos seus circuitos de moradia e mobilidade, se visualiza o quanto as condições financeiras estão presentes nas possibilidades de vida na cidade. Os relatos de deslocamento de populações pobres para áreas afastadas do centro da cidade ou locais em que a exploração imobiliária se instala são antigos e continuam constantes atualmente. O bairro Cidade Baixa, que presentemente se configura como centro boêmio da capital, fora muito ocupado pela população do atual bairro Restinga, localizado no extremo sul da cidade e aproximadamente a uma hora do centro. A comunidade da Maria da Conceição, local de extrema pobreza e com alto impacto social devido ao tráfico de drogas, antes estava próxima ao Estádio Beira Rio, hoje em um bairro de classe média alta. Outros são os exemplos de mudanças de comunidades inteiras que ocorreram no momento de preparação para a Copa do Mundo, mas tanto as já longínquas como as atuais encontram no interesse financeiro de poucos o motivo de sua realização (Pesavento, 1999). A utilidade do argumento tecnocrata também emerge como elemento significativo nas controvérsias que se estabelecem em relação ao entorno da cidade, porém se salienta que isto ocorre na maioria das vezes sem a participação dos cidadãos. Como pondera Latour (2001), o urbanismo, como face aplicada da ciência, assume uma prerrogativa de neutralidade que se configura como potencializadora dos apaziguamentos em instâncias de controvérsia.

Em outras palavras, a cidade – em sua arquitetura composta por prédios altos protegidos por grades e câmeras de segurança, pelos impostos que seguem crescendo até que os mais pobres não consigam manter as suas casas em bairros nobres, por especulações urbanas chanceladas pelo Estado que desalojam através da força, pelos quilombos urbanos que lutam pela permanência em seu espaço tradicional, pelos ônibus que levam pessoas de bairros pobres somente para o centro e outros locais de trabalho, porém nunca a *shoppings* ou espaços de lazer direcionados à população com maior po-

der econômico e social – está dialogando com aqueles que nela vivem. Os *pixadores* também fazem parte deste diálogo urbano, mas afinal o que têm a dizer?

Com vistas a responder essa questão apresentamos a seguir algumas das respostas que entendemos do contato estabelecido com os *pixadores*, as quais em conjunto com os demais elementos do diálogo com a cidade nos ampliaram a visão sobre o fenômeno estudado em nosso contexto.

Pixos e territórios

A primeira reunião dos *pixadores* aconteceu em um prédio próximo ao centro da cidade, porém já em uma região com predomínio residencial. A maioria deles chegava ao local em grupos de três ou quatro pessoas, entretanto várias duplas percorriam o trajeto vindo do centro da cidade e paravam na frente da festa enquanto cumprimentavam os conhecidos que se espremiavam na calçada. O motivo dessa quantidade de pessoas por grupo foi respondida mais tarde naquela mesma noite, quando um dos *pixadores* expôs seu *modus operandi*:

Porque tu tá andando na rua e tem mais três, tu tem quase certeza que vão roubar ou fazer algum mequetrefe (gíria para trapaça), vão fazer alguma coisa ruim, então... eu acho o melhor é ter no máximo três pra não pilhar, pra não “noiar o pico” (gíria para não atrapalhar a atividade), pra não boiar... (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013)⁴.

Ao olhar de longe era possível notar a homogeneidade deles quanto à forma de se vestir: calças largas, bonés com “aba reta”, camisetas compridas e moletons com capuz. Embora não fosse uma noite muito fria, percebia-se que um grande número estava com o capuz por cima do boné, denotando outro elemento do seu modo de vestir. O referencial da cultura *hip-hop* evidenciava-se também nas camisetas de bandas/grupos que são expoentes no cenário nacional, e que têm como característica entre suas letras a denúncia da desigualdade social e a sua repercussão para a população pobre, tais como os Racionais Mcs e Charlie Brow Jr.

Outro elemento que parecia ser obrigatório aos frequentadores da festa eram as mochilas, algumas estilizadas com a *tag* (assinatura) do seu dono ou da *crew* (coletivo) a que ele pertence. O barulho das latas de *spray* demonstrava que a noite e o encontro dos *pixadores* prometiam novas saídas na noite de Porto Alegre. A presença destas inscrições nas mochilas se constituía como principal signo que os poderia identificar como *pixadores*, aumentando as chances de serem abordados pelas forças repressoras.

⁴ Os participantes foram enumerados para preservar os seus anonimatos.

Ao primeiro olhar poderia parecer controverso, para aqueles que dizem buscar o anonimato, pelo menos quanto ao seu nome e rosto, chamarem a atenção de forma tão evidente. Em parte, é possível que essa conduta se relacione à seletiva invisibilidade transversal à vida desses indivíduos. Como já são invisíveis por sua condição de exclusão social (racial, econômica, residencial...), ao aderirem a determinados estilos de se vestir e comportar, entram em rota de colisão com o olhar das estruturas de poder coercitivo. Em outros termos ressalta-se que outros marcadores, que estão além das roupas e *tags* na mochila, já possibilitariam que esses jovens fossem abordados pela higienização da polícia em diferentes momentos.

Os elementos da cultura *street* se convertem neste padrão que identificaria os *pixadores* por utilizarem roupas no estilo *skatista* ou *grunge* – conforme um guia de orientação do Estado direcionado aos pais diz: “O estilo de música hip-hop é o que os *pixadores* mais gostam de ouvir. Confira os CDs que seu filho ouviu.” (Secretaria de Estado do DF, 2012). Essas orientações levam à reflexão sobre o quanto essa invisibilidade é realmente possível e como o pertencer a determinados grupos ou adotar preferências que tenham passado pelo movimento de contracultura, embora estejam parcialmente absorvidos na atualidade por uma cultura dominante, são ativadores do olhar discriminatório da sociedade. Ao acompanhar diretamente os *pixadores*, essa tensão entre o aparecer e tornar-se invisível se mantém constantemente em suas vidas.

O primeiro contato com os *pixadores* já demonstrava algo semelhante, o qual intitulamos como “lusco-fusco identitário” dos *pixadores*. Após receber a indicação de um grafiteiro, que anteriormente realizava *pixações*, de que muitos dos seus amigos em uma rede social eram ainda *pixadores*, e de que o contato com estes poderia ser realizado através daquela ferramenta de comunicação, iniciou-se uma seleção dos perfis que indicavam pertencer a *pixadores*. A seleção inicial levou em consideração aqueles que tinham as suas fotos liberadas para visualização mesmo para os que não pertenciam à sua rede de amizade.

Este contato com a investigação na Web, embora não pretenda ser considerada uma pesquisa etnográfica virtual, nos moldes “clássicos”, levou em consideração aspectos teóricos da mesma. Assumindo os postulados de Christine Hine (2000/2004), que relembra que a etnografia se construiu no encontro em campo entre o pesquisador e o pesquisado, porém com o contexto das relações mediadas por ferramentas, caso da Internet, é necessário que se habilite que novas expressões etnográficas surjam. Os requisitos básicos para que aconteça a etnografia são mantidos quando se assume o meio virtual (*online*) como campo, isto é, a observação dos fenômenos, o diálogo com os participantes, o relacionar-se com eles e a busca por fontes secundárias estão à disposição do pesquisador.

Algumas outras questões de ordem teórica são debatidas quando se trava a comparação entre etnografias *online* e *offline*, estas em grande parte se concentram na validade dos dados que são coletados através da Internet. O quão confiáveis são as respostas destes sujeitos que respondem através de um *avatar* ou perfil em rede social? A resposta para esta pergunta apresenta-se na forma de outra pergunta: Afinal, o quanto se pode confiar nas informações que são recebidas no contato face a face? A dúvida paira sobre ambas as perguntas e carrega consigo questões ontológicas para toda pesquisa em ciências humanas, como a definição da existência ou não do próprio conceito de verdade.

Discussões à parte, foi através da Internet que se tomou conhecimento da festa. Um dos entrevistados que tinha grande prestígio dentro do grupo, o qual era o responsável pelo lançamento dos DVDs “100Comédia Brasil” e “Marcas da ruas” (Fundão Z/O e Cripta, 2010; 2011), detinha gravações de diversos *pixadores* em ação nas principais capitais brasileiras e relatou que fora devido às redes sociais que se aproximara do movimento nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Internet, essa ferramenta facilitou a comunicação entre os *pixadores* no Brasil, então através dos blogs, dos fotologs, pelo Orkut a gente se comunica, troca informação e foi assim que eu comecei essa conexão com essa galera que já me procurava muito, porque os vídeos têm uma repercussão no meio, a galera curte informação também. (Entrevistado 1, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

Segundo o entrevistado 1, o intuito era manter o registro da cena de *pixação* no Brasil, assim muitos daqueles jovens que se aglomeravam dentro da pequena sala estavam tendo a oportunidade de se ver no cinema improvisado. Essa inversão, de telespectador para protagonista, os fazia vibrar quando se reconheciam na tela e comentavam os detalhes de cada escalada.

A Internet, e mais especificamente as redes sociais, assim como a expansão de tecnologias como celulares que gravam vídeos trouxeram uma nova dinâmica para as relações sociais. Entre os resultados que se notabilizam na atualidade estão as diversas organizações de protestos em torno de diferentes causas ao redor do mundo. Conforme assinala Manuel Castells (2012/2013), estes movimentos sociais não são causados pela existência da Internet, porém, a partir dela, ganham nova vida. Ainda, segundo o autor, tais movimentos surgem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, expressando as “revoltas e os projetos das pessoas resultantes de sua experiência multidimensional” (Castells, 2012/2013, p. 166).

Com base em tais constatações, compreender as dinâmicas sociais dos *pixadores*, através desta rede de comunicação, é também aprofundar questões pertinentes ao movimento (mesmo que nem todos que realizem o *pixo* se identifiquem como participantes do movimento) e ao tempo em que participam. Nesse sentido, o entrevistado 1 relata que, após a existência do *Orkut*, e agora *Facebook*, o contato entre os diferentes coletivos de *pixadores* ou pessoas se tornou possível, dando a oportunidade de uma organização que antes não existia. Esta nova ordem é um dos elementos que possibilitou a sua empreitada de registros da cena da *pixação* nas principais capitais brasileiras, dando origem a diversos DVDs sobre o tema. A implementação desse projeto, e, conforme o entrevistado 1, o seu sucesso, demonstra a relação *online* - *offline* na construção de novas conjunturas para o movimento.

O trajeto metodológico que teve o seu início através da busca nas redes sociais online e que posteriormente passou à integração dos dados no campo *offline*, tal qual orienta Hine (2000/2004), mostrou-se pertinente para o acesso a um grupo que se encontra em uma fronteira identitária, como denominado anteriormente. A relação ambígua, entre a busca por reconhecimento da sua identidade e ofuscamento desta, transbordava para além das páginas em redes sociais e se inscrevia materialmente na forma com que os *pixadores* compunham o seu estilo. Dentro de uma perspectiva bakhtiniana esse processo, que em outras leituras poderia sugerir uma “incoerência”, é visto como próprio do caráter dialógico da condição de comunicação humana (Bakhtin, 1929/2010). Assim, esses *pixadores*, ao se adaptarem ao ambiente de forma que por vezes deixam transparecer a realização da atividade transgressora, e por outros momentos a escondem, produzem para o interlocutor a sensação de incerteza e questionamento, tal qual o próprio ato de *pixar* muitas vezes busca produzir.

Essas intencionalidades em relação ao *pixo*, ou seja, quais são as mensagens, em seus diversos níveis, que estes pretendem passar quando se inscrevem nos prédios da cidade, são mais bem compreendidas a partir dos trechos de falas expostas nas seções subsequentes.

“Ibope” coletivo e individual

Os “murais” são espaços escolhidos, geralmente em uma altura baixa ou mediana, onde diversos *pixadores* colocam as suas *tags* (assinaturas) e de suas *crews* (coletivos). Esse local serve como um mural, no qual muitos compõem uma obra em conjunto, sem “atropelos” e com caráter identitário da comunidade de *pixadores* (ver figura 2). Ao longo dos últimos cinco anos percebe-se a progressiva diminuição dessa prática conjunta, embora esta se realizasse em momentos separados. Outra mudança importante que se constata ao analisar as paredes da cidade é a frequente individualização do

fenômeno da *pixação*, em outras palavras, nota-se que as *crews* possuem cada vez menos espaço ocupado, enquanto que as *tags* individuais continuam a se proliferar. A união dessas duas análises assinala que algumas mudanças também se produzem na relação entre os *pixadores* da nova geração, isto é, o movimento que antes priorizava *pixos* que “levantassem” o “ibope” (referência à medida de audiência do público televisivo no Brasil) da *crew*, geralmente vinculada à região de origem dos *pixadores*, passa a destacar o indivíduo que *pixa* e desta forma se personifica o ato. Essa constatação entra na esteira de segmentos sociais que priorizam a individualidade frente ao reforço de posições coletivas, ainda que os atos continuem sendo realizados em pequenos grupos. Conforme Zygmunt Bauman (2000/2001) tal processo de individualização é inerente ao estágio cultural em que vivemos, sendo constantemente reforçado por diversas estruturas criadas para essa função. Entre as tecnologias que se relacionam com esse formato de individualização na contemporaneidade estão as redes sociais que, no caso dos *pixadores*, servia como portfólio das *pixações* que haviam realizados. Esse portfólio e os DVDs constituem materiais que registram e publicizam tais individualidades, auxiliando na elevação do *ibope* destes.



Figura 2. Mural composto entre a Avenida João Pessoa e Rua Lopo Gonçalves.

No decorrer do encontro com os *pixadores* foi percebida a popularidade que alguns detinham perante aos demais. Estes, os “populares”, eram aqueles que, além de ter vasta ocupação na cidade, *pixando* em todos os lugares, eram também responsáveis

pelas *pixações* consideradas mais difíceis de serem realizadas. A *tag* assinada por um deles já demonstrava que a intenção da sua *pixação* era específica: *Topo*. Além dele, outro *pixador* chamado *Mael* se destacava entre os demais membros da festa e isso poderia ser deduzido a partir da quantidade de *pixadores* que solicitavam a assinatura de suas *tags* em folhas de cadernos. Essa prática é comum entre os *pixadores* e vários sentidos são expressos a partir dela, como, por exemplo, ser esse um movimento de restrição à efemeridade da *pixação*, isto é, através de coleta dessas assinaturas eles estão guardando lembranças de companheiros de prática em determinado momento. Outra característica vinculada a esse ato é o fortalecimento das relações de afiliação, unindo, sobre uma forma de organização naquelas folhas, as diversas pessoas que *pixam* pela cidade e algumas vezes não se conhecem pessoalmente. Por fim, colocar a sua *tag* no caderno do outro é assumir um papel de humildade e cordialidade frente a este. Dessa forma, um dos jovens, ao comentar sobre as assinaturas em seu caderno, relata:

Ele veio aqui de boa, é parceiro de todo mundo. Tu ver aí, o cara aí acompanhando o movimento da galera de todo o Brasil e vem aqui na humildade e assina com a gente. (Entrevistado 2, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

O “código de conduta” dos *pixadores* valoriza essa humildade entre os pares e, mesmo que a disputa pelos locais de destaque ou a proliferação das suas *tags* acirre a concorrência interna do movimento, é necessário que o “vencedor” mantenha-se humilde para continuar sendo aprovado e reconhecido pelos demais. Porém, segundo relato dos entrevistados, nem sempre esse código de conduta informal é respeitado e por vezes os conflitos, devido à quebra de regras internas, são inevitáveis.

A compreensão do estabelecimento destas minúcias que pautam o relacionamento somente se torna possível ao abordar o campo, conforme José Guilherme Cantor Magnani (2002) e Roberto DaMatta (1978) propõem, isto é, com a manutenção do estranhamento daquilo que se apresenta como familiar e de aproximação do que se constitui distante do universo simbólico dos pesquisadores. Neste contato percebe-se, por exemplo, a dicotomia permanente entre a manutenção de uma postura de busca pela exacerbação do “eu” frente ao coletivo ao mesmo tempo em que deve ter uma conduta orientada ao grupo.

As relações de grupo assumem outros espectros quando o tema é a *pixação* e o *graffiti*, os quais advêm da cultura *street* e atualmente encontram outros atores participando dessa relação.

Pixação e graffiti

A relação conflitante entre *pixação* e *graffiti* se traduz de formas diversas nas paredes da cidade. A apropriação dos espaços comerciais pela *pixação* colaborou para que o *graffiti* fosse associado à cooptação pelo Estado e iniciativa privada. Essas maneiras de apropriação se projetam normalmente de duas formas: a primeira faz referência aos cursos e projetos do Estado, identificados com a cultura *Hip Hop*, por exemplo, em que se promovem oficinas de *graffiti*; a segunda se perpetua através da busca dos empresários por grafiteiros que realizam seu trabalho com vistas à não ocorrência de *pixação* naquele local.

Conforme o proprietário de uma vidraçaria na Av. Bento Gonçalves, zona leste e desvalorizada da cidade, que tinha em sua fachada o nome da empresa em letras estilizadas como as da *pixação*, esta estratégia rompia com as constantes *pixações* que ele vinha enfrentando nos últimos anos. Em suas palavras:

Já tenho esse ponto há 30 anos e já não sabia mais o que fazer para que passassem de sujar a parede. Agora que fizeram com essa letra não vieram mais aqui. (Entrevistado, 08 de novembro de 2012).

Estas estratégias adotadas pelo mercado promoveram alterações no convívio e regras sociais e de comunicação estabelecidas entre grafiteiros e *pixadores*. A tensão que envolve os dois grupos se encontra na origem de ambos os movimentos, os quais em seus nascimentos detinham junto de si, como fator primordial, a transgressão. Assim, quando o *graffiti* se torna “a vacina” para a *pixação*, aqueles que conhecem e se identificam com a história pregressa destes movimentos renegam a continuidade do pacto de não atropelamento entre *pixação* e *graffiti*. Isto se torna claro nas palavras de um dos *pixadores*:

Porém, o graffiti foi melhor absorvido pela sociedade, pela questão estética, então começou a se criar uma nova versão de graffiti que são esses muralismos e que a sociedade, os governantes, começaram a usar isso pra combater a *pixação*, porque eles tinham uma relação de respeito, só que o graffiti começou a ser usado como antídoto contra *pixação*. (Entrevistado 1, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

Embora não exista uma guerra declarada entre os dois movimentos, e algumas pessoas sejam atuantes em ambos, se verifica que o que está em jogo é uma “legitimidade” moral de apropriação do espaço público. Um dos *pixadores* reflete sobre as formas de *graffiti* e *pixação*: “O graffiti é autêntico quando ele não pergunta pra fazer, é um graffiti de caráter imperativo. E a gente repele a coisa da propaganda” (Entrevistado 5, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013). O respeito para alguns segue as regras

das ruas, porém a proximidade entre os que grafitam e pixam, e até mesmo o reconhecimento de que as atividades podem ser realizadas pela mesma pessoa contornam uma situação delicada devido às regras sociais de amizade e companheirismo que sustentam o “universo *hip-hop*”. Assim, nestes dois excertos, de diferentes pixadores, se vislumbra a tensão que predomina quando esta discussão entra em pauta:

A pixação atropela graffiti, o graffiti atropela pixação, tá na rua, tá na rua sem apego, mas não é aquele lance o cara foi lá pintei e o cara me atropelou vou lá dar um soco nele. (Entrevistado 2, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

No geral é uma relação delicada. Tem *pixadores* que têm amigos grafiteiros, tem grafiteiros que viraram *pixadores*, mas não é um caminho comum, não é o caminho certo. O *pixador* vira grafiteiro. (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

A partir de uma noção simétrica desse espaço – a cidade – se percebe que o mesmo muro que é a divisão entre um fora e um dentro, ou seja, que serve para impedir o movimento entre dois espaços, o público e o privado, é onde se situam as inscrições de dois signos que delimitam mensagens institucionais diferentes. Conforme Latour (1999/2001) a instituição pode ser entendida como essa hibridização em que elementos humanos – como as regras, ordens sociais, e demais características do homem – são fundidas a um suporte não humano. Neste caso o muro detém as regras sociais que dispensam a presença de uma pessoa para vigiar permanentemente aquele local e deixa instituída a divisão entre dois eixos de movimentação, um proibido e outro liberado. Assim, quando os *pixadores* e grafiteiros inscrevem os seus respectivos signos naqueles espaços, estão também proporcionando uma transformação deste com duas redes de signos antagonistas, sendo que o *pixo* remete à violação da propriedade e da segurança que esta representa, enquanto que o *graffiti* pode ser o assinalamento que tais liberdades, ainda que no formato de uma arte advinda do mesmo campo *street*, se mantêm resguardadas do assédio do signo deslegitimador.

Outro elemento que contrasta essa relação *pixação-graffiti* seria que o espaço comercial do *graffiti* é ocupado por um grupo coeso e tradicional na cidade, ou seja, poucos acabam arrecadando a maioria dos trabalhos e *graffitis* liberados na cidade. Conforme um dos *pixadores*:

Ganham dois ou três painéis, liberadinhos, ganham material e fazem a maior das panelas... agora, pixador não, pixador tá metendo muito mais a cara, tá subindo, tá arriscando, tá indo contra o sistema, tá combatendo o diferente, mesmo. (Entrevistado 4, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

Algumas relações de conflito, como a do *graffiti* e *pixo*, se destacam dentro das discussões de tipo *endogrupo*. Entretanto, outro ponto de tensão, caso das questões de gênero, com explícita e intensa discriminação feminina e que atravessa a convivência dos pichadores, não parecendo ser pauta debatida pelos participantes.

Pixo e gênero

A relação entre os *pixadores* e as mulheres que se encontravam na festa demonstrava aspectos interessantes no que tange às relações de gênero. Além de a maioria dos presentes serem homens, as poucas mulheres que lá se encontravam não estavam na posição de *pixadoras* e sim, majoritariamente, de acompanhantes dos namorados que *pixam*. Durante a festa foi possível falar com a *pixadora* C., que estava acompanhada com o seu namorado também *pixador*, e discutir um pouco sobre como a *pixação* acolhe as mulheres que se dispõem a participar do movimento. Segundo a entrevistada 5, essas questões de preconceito em relação às mulheres não ocorrem, porém em sua fala ela destaca um ponto que contraria o seu argumento central. Neste mesmo trecho reflete sobre o respeito dos companheiros por ela, e associa este à sua vinda de São Paulo, considerada como a “capital” da *pixação* no país. Nas palavras da *pixadora*:

Quando eu comecei, eu *pixava* em São Paulo, eu morava lá, e São Paulo é muito grande e quando tu passa a ser conhecido assim não tem, o preconceito que tem, ao meu ver, é que todo mundo quer sair contigo porque tu é mulher.. O preconceito que existe na *pixação* é isso, os caras querem sair contigo porque tu é mulher e não pelo teu trabalho. (Entrevistada 5, entrevista pessoal, 08 de outubro de 2013).

Esse relato, em conjunto com as observações durante as festas, demonstra que o ambiente, ainda que contenha diversas críticas a um padrão “normatizador” de sociedade, está reproduzindo sistematicamente alguns movimentos que estabelecem e corroboram com tal padrão. As posições relativas à gênero esclarecem isso, ao se perceber que a participação da mulher neste cenário consiste ao apoio para que outros *pixadores*, homens, possam ser os protagonistas da ação (Hamann, Maracci-Cardoso, Tedesco e Pizzinato, 2013).

Ainda nas questões de gênero cabe referir a situação em que um dos *pixadores*, acompanhado de sua namorada, falava reiteradamente de maneira grosseira com ela. Embora essa condição permanecesse durante um tempo considerável, não ocorreu nenhuma intervenção contrária por parte dos demais observadores da cena. O *pixador* em questão não demonstrava estar incomodado pelas conversas dos demais à sua volta, entretanto, toda vez que a sua namorada falava com uma amiga, este a obrigava a

voltar sua atenção para ele. Durante alguns minutos aquele constante movimento de agressão velada sustentou a rede de diálogo entre os dois. Após perceber que a cena havia se tornado ponto de interesse, e já sabendo do propósito da nossa condição naquele local, notou-se que as suas palavras foram ficando mais duras, até chegar ao momento em que a menina saiu da sala acompanhada da amiga. Esse fato nos fez refletir sobre qual o propósito da sua mudança de comportamento após perceber a nossa curiosidade, assim como das colocações de Erving Goffman sobre tais circunstâncias:

A maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho a si mesmo e as suas atividades as outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas (...). O papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes, e, ainda, esses outros constituem a plateia (1959/1975, p. 7).

Posteriormente, quando o *pixador* foi entrevistado compreendeu-se que aquela conduta agressiva se dava também em relação à nossa condição de pesquisadores. A posição de enfrentamento se expressou no seu discurso ao falar das sensações que obteve ao *pixar* em prédios alto. Essa atitude remeteu à noção de pertencimento e diferenciação entre nós/eles, e o possível não aceitação/resistência deste *pixador* em compartilhar experiências próprias do seu grupo com alguém que não considerava como detentor das mesmas práticas e valores.

As fronteiras estabelecidas entre aqueles que são integrantes do grupo de *pixadores* – e dessa maneira convergem para determinadas condutas e estilos de apropriação cultural – e os demais que não compõem esse grupo tornam-se menos porosas quando se busca compartilhar alguns desses espaços. A tentativa de acompanhá-los durante os seus “rolés” não obteve sucesso, sendo essa barreira imposta através de pequenas manobras de exclusão. Durante a entrevista um dos *pixadores* demonstrou essa divergência entre aqueles que eram ou não do grupo e apresentou uma visão específica de ser/estar na sociedade:

Quem tá na rua tá na rua, quem é da rua não é da calçada, é a frase que eu vou tatuar no meu corpo. Quem é da rua não tá de brincadeira mesmo, tá na rua pra mostrar que a rua é suja, a rua é limpa, a rua tem droga, a rua não tem droga, a rua tem o que tu quiser, é só tu chegar e perguntar pra ela. (Entrevistado 3, entrevista pessoal, 13 de julho de 2013).

Considerações finais

Os dados recolhidos e analisados durante o período da pesquisa demonstraram transformações importantes na prática da *pixação* na cidade de Porto Alegre. Entre elas destaca-se a “individualização” do *pixo*, e devido a isto a supressão do coletivo no momento das apropriações. Tal mudança remete a alguns questionamentos das causas que levaram a um movimento que outrora fora reconhecido pela impressão junto à *tags* de linhas de pertencimento, isto é, as *crews*, que geralmente estavam vinculadas a territorialidades (bondes de bairro) ou outros tipos de afiliação e que poderiam também gerar novas conjunturas sobre a *pixação*. O próprio debate desenvolvido na mídia, como também nas discussões cotidianas pela cidade, termina por potencializar essa individualização e assim não entram em discussão quais características os produtores dessa apropriação e a sociedade que recebe esse produto apresentam para que aconteça tal manifestação na cidade.

A frase do *pixador* que é utilizada como título desse artigo “Quem é da rua não é da calçada” demonstra de forma veemente a divisão social estabelecida entre parcelas da população e o quanto essa presença da *pixação* manterá o caráter transgressivo em parte para a manutenção dessa tensão social. O esvaziamento identitário de lugar e a própria restrita rede de circulação, seja de maneira explícita ou implícita, aos quais algumas pessoas são submetidas reforçam esse sentimento de demarcação de um espaço, que aos olhos de quem transita pelas ruas da cidade é comunal.

Os muros da cidade, principais alvos da *pixação*, terminam por ser a terra onde se crava a bandeira e assinala cada um a sua mensagem. Enquanto estes seres híbridos dizem a todos que passam que a sua presença está ali para afirmar uma propriedade de outrem, assim prescindindo da contínua presença do proprietário para reafirmar esta posse, surgem os *pixadores* que com as suas letras cortantes transformam este delegado em um contra-delegado. Essa subversão de um símbolo de segurança em algo que pode ser apropriado por outros faz com que este muro já não seja o mesmo tanto para os seus donos, por aqueles que ali passam ou pelos tantos que estão envolvidos na ação de *pixar*.

A complexidade do fenômeno e das relações que se estabelecem com ele carece de maiores aprofundamentos teóricos. O lugar comum discursivo que conjuga polos e situa sutilmente categorias como “bons” e “maus”, “saudáveis” e “doentes” não pode servir de albergue para aqueles que buscam construir conhecimento na dita ciências humanas. Dessa maneira, este estudo buscou contribuir nesse diálogo “truncado” e reconhece que a abordagem do tema por perspectivas diversas que agregariam novas vozes é imprescindível para que o silêncio não impere.

Referências

- Augé, Marc (1992/1994). *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, São Paulo, SP: Papirus.
- Augé, Marc (2009/2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL..
- Bakhtin, Mikhail (1929/2010). *Marxismo e filosofia da linguagem* (14. ed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bauman, Zygmunt. (2000/2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castells, Manuel (2012/2013). *Rede de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet* (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Da Matta, Roberto. (1978). O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: Edson de Oliveira Nunes (Comp.), *A aventura sociológica* (pp. 23-35). Rio de Janeiro: Zahar.
- de Certeau, Michel (1990/1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petropolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Fariás, Ignacio (2011). Ensamblajes urbanos: la TAR y el examen de la ciudad. *Athenea Digital*, 11(1), 15-40. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v11n1.826>
- Fundão Z/O (Produtor) & Cripta, Djan (Direção).(2010). 100Comédia Brasil.(DVD). Brasil.
- Fundão Z/O (Produtor) & Cripta, Djan (Direção).(2011). Marcas das Ruas. (DVD). Brasil.
- Goffman, Erving (1959/1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petropolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Grau, Marc; Íñiguez, Lupcinio y Subirats, Joan (2011). Una perspectiva híbrida y no-moderna para los estudios urbanos. *Athenea Digital*, 12(1), 89-108. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v12n1.910>
- Hamann, Cristiano; Maracci-Cardoso, João Gabriel; Tedesco, Pedro e Pizzinato, Adolfo (2013). Entre o público e o privado: discurso de mulheres em movimentos de grafite. *Ex Aequo (Oeiras)*, 28, 45-58. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602013000200005&lng=pt&tlng=pt
- Hine, Christine (2000/2004). *Etnografia virtual*. Barcelona: UOC.
- Latour, Bruno (1992). Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts. In: Wiebe Bijker & John Law (Eds.), *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change* (pp. 225-258). Cambridge: MIT Press.
- Latour, Bruno (1999/2001). *La esperanza de Pandora: Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Barcelona: Gedisa.
- Latour, Bruno (2001). ¿Qué protocolo requieren los nuevos experimentos colectivos? *Boletín CF+S*, 32/33. Recuperado de: <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n32/ablat.es.html>

- Magnani, José Guilherme Cantor (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49): 11-29. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- Magnani, José Guilherme Cantor (2003). A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, 15(1), 81-95. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100005>
- Magnani, José Guilherme Cantor (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>
- Netz, Reviel (2004/2013). *Alambre de púas: Una ecología de la modernidad*. Buenos Aires: Eudeba.
- Pesavento, Sandra Jatahy (1999). Lugares malditos: A cidade do “outro” no sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século 19 ao século 20). *Revista Brasileira de História*, 37(19), 195-216. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881999000100010>
- Secretaria de Estado de Segurança Pública (2012). *Como identificar um pichador?* Recuperado em 30 de Abril de 2013, de <http://www.ssp.df.gov.br/servicos/programas-comunitarios/picasso-nao-pichava/276-cartilha-como-identificar-um-pichador.html>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Usted es libre para Compartir —copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato— y Adaptar el documento —remezclar, transformar y crear a partir del material— para cualquier propósito, incluso comercialmente, siempre que cumpla la condición de:

Atribución: Usted debe reconocer el crédito de una obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios. Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)